

COMPORTAMENTO, COMUNICAÇÃO E RELACIONAMENTO FAMILIAR NOS DIFERENTES MOMENTOS DO VIVER EM FAMÍLIA

WAIDMAN, Maria Angélica Pagliarini¹
SCARDOELLI, Márcia Glaciela da Cruz²
ESTEVAM, Michelle Caroline³
PINI, Jéssica dos Santos⁴
MARCON, Sonia Silva⁵

Introdução: No cotidiano, o ser humano enfrenta alegrias, tristeza, períodos bons e ruins, como parte de seu viver. Vários são os momentos de crise que a família vivencia, e muitos dos significados destas situações de crise podem levar a alterações que modificam a estrutura familiar e dependendo do instante em que estas situações ocorrem e o estágio do ciclo de vida familiar isto pode interferir na qualidade de vida da família. É importante lembrar que o ciclo de vida familiar não é linear, tudo ocorre simultaneamente, ou seja, várias situações acontecem em um sistema familiar ao mesmo tempo. Ao analisar o momento de crise em que uma família se encontra, é necessário fazer uma avaliação, levando sempre em consideração alguns aspectos relacionados a composição familiar, os limites e tarefas estabelecidas de cada membro e os vínculos existentes entre eles, para compreender como as famílias se relacionam e se comportam frente aos eventos ocorridos no cotidiano familiar.

Percebe-se que a comunicação e o relacionamento também são aspectos importantes que precisam ser levados em consideração nas situações de crise⁽¹⁾. Como a família está imersa em um contexto de relações humanas⁽²⁾, observa-se que a comunicação se caracteriza como sendo um veículo importante entre os componentes da família e o profissional de saúde para que juntos possam interagir e estabelecer estratégias que auxiliam estas famílias na busca de um bem-estar na convivência em família⁽³⁾. Assim, ao assistir estas famílias em seu processo de viver, devemos nos interessar pelas relações familiares e pela interação global na qual ela está inserida, incluindo, de maneira determinante, esta comunicação que é a base da própria interação humana⁽⁴⁾. Dentro deste contexto, observa-se que a família também é constituída de pessoas com personalidades e objetivos de vida diferentes, por isso é importante dentro deste todo, estar atentos a

¹Enfermeira. Doutora em Filosofia da Enfermagem. Docente do Mestrado em Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Membro do NEPAAF. Email:angelicawaidman@hotmail.com

²Enfermeira. Mestranda em Enfermagem pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Membro do NEPAAF. Email:gracruz@bol.com.br

³Enfermeira. Mestranda em Enfermagem pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Membro do NEPAAF. Email:micarol20@hotmail.com

⁴Enfermeira. Mestranda em Enfermagem pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Membro do NEPAAF. Email:jessica_pini@hotmail.com

⁵Enfermeira. Doutora em Filosofia da Enfermagem. Docente dos Mestrados em Enfermagem e Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Coordenadora do NEPAAF. Email:ssmarcon@uem.br

individualidade e unicidade de cada um. Apesar de alguns problemas serem comuns, cada família tem sua singularidade e unicidade, e isso deve ser levado em conta pelo profissional ao cuidar de família⁽⁵⁾. Por isso quando o profissional se propõe a trabalhar com família como um todo, e necessário refletir e se atentar sobre às necessidades e à individualidade de cada membro, pois apesar deles viverem problemas comuns, a realidade e a forma de cada um enfrentar as dificuldades, e a vida de um modo geral, são diferentes e isto deve ser levado em consideração pelo profissional que pretende desenvolver seu trabalho junto a elas⁽⁶⁾. Para tanto traçamos o seguinte **Objetivo:** Verificar como se estabelece o comportamento, a comunicação e o relacionamento familiar nos diferentes momentos do viver em família. **Metodologia:** Estudo exploratório descritivo de natureza qualitativa realizado junto a 21 famílias que vivenciaram diferentes momentos da vida – gravidez inesperada, gravidez na adolescência, o nascimento de um filho com problemas na saúde, doença crônica, acidente (queda ao pegar o ônibus), dependência física decorrente da idade avançada e morte. As famílias são usuárias de oito Unidades Básicas de Saúde (UBS) da uma cidade de médio porte da região Noroeste do Paraná, que são atendidas pela Equipe de Saúde da Família (ESF). O critério de inclusão foi ser usuário do serviço público de saúde, das UBS selecionadas para o estudo, estas passando por um momento especial dos ciclos de vida e aceitar participar do estudo. Este estudo é um subprojeto extraído do Projeto de Pesquisa “Identificar a permeabilidade do cuidado familiar e profissional nos diferentes momentos do viver em família”, financiado pela Fundação

Araucária. A coleta dos dados ocorreu de julho de 2006 a julho de 2007, por meio de entrevista semi-estruturada e observação, utilizando-se de um instrumento elaborado pelos autores, o qual foi submetido a validação do conteúdo e aparente por 7 *experts* da área. O roteiro de coleta de dados foi utilizado era composto de quatro partes: a primeira parte constituída de dados referentes a identificação e caracterização da família (estrutura, condições sócio-demográficas, condições de saúde e educação); a segunda parte referentes as relações familiares e comunicação; a terceira sobre o cuidado familiar; e a quarta sobre a relação da família com os serviços de saúde: atendimentos recebidos e satisfação. Para realização desta pesquisa foi seguido os preceitos éticos de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, que dispõe sobre as Diretrizes e Normas regulamentares da pesquisa envolvendo seres humanos e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Maringá. **Resultados** Ao buscar reconstruir as possíveis mudanças diante dos distintos eventos sob a ótica dos familiares entrevistados, observamos que, apesar do estudo ter sido realizado com famílias que enfrentavam situações bastante distintas, a maioria das famílias percebem mudanças no comportamento entre seus membros, principalmente relacionadas as questões econômicas, mudança de rotina da casa, nas atividades de lazer, entre outros. A intensidade, o modo como vivenciam e enfrentam estas mudanças são diferentes, mas em muitos casos acabam se adaptando de forma sutil, e para outras de forma mais difícil a adaptação frente ao evento, causando um sofrimento, ansiedade

e estresse: “[...] *todos se adequaram à situação [...]*” (Hiponatremia); “*Agora com naturalidade, mas no início foi difícil, ficamos espantados, assustados, mas agora já estamos nos adaptando, entendendo melhor*” (Diabetes mellitus II). Alguns sujeitos afirmaram que a disponibilidade e a frequência de comunicação fica aquém do esperado por um ou mais membros da família, esses detectam que há problemas com a comunicação: “*A comunicação é regular, pois só acontece quando os filhos vêm visitar*” (Morte do pai -1). Observamos que quando há abertura para conversar sobre os mais variados assuntos entre os membros da família, a comunicação familiar é considerada boa: “*A comunicação é boa, pois conversamos sobre tudo*” (Infarto Agudo do Miocárdio). Algumas famílias percebem a comunicação como algo que traz prejuízo, principalmente quando há membros da família que, ao querer ajudar, acabam invadindo o espaço do outro. Isso fica nítido na família em que há pais adolescentes, pois os outros membros os acham irresponsáveis e querem “ajudar”, interferindo no relacionamento interpessoal: “*Algumas pessoas dão muitos palpites*” (Nascimento de filho/Pais adolescentes). Apesar do impacto que um evento pode causar no cotidiano destas famílias, alguns entrevistados disseram que as relações familiares foram modificadas após o evento. A maioria dos entrevistados revela que houve fortalecimento da união, aproximação e preocupação com o outro, buscando dividir e compartilhar o momento experienciado pela família: “[...] *nos unimos mais. Então agora com a falta dele, a gente se aproximou mais, porque hoje somos só nós duas*” (Morte do pai - 2). Já em determinados relatos evidenciamos

alterações que pioraram o convívio entre os membros da família, como a não aceitação da doença, a interferência e envolvimento de outros membros da família e até mesmo pelos conflitos vivenciados em ciclos de vida diferentes: “[...] *é um pouco difícil, não é fácil lidar com uma pessoa assim [...]*” (Esquizofrenia - 2); “*Eu e meu esposo brigamos bastante [...] eu e avó discutimos porque ela se envolve muito, se mete e dá muito palpites [...]*” (Nascimento de filho/Pais adolescentes). O distanciamento entre os membros da família, sugeriu que mesmo com a morte do pai, sendo este, um evento que em sua maioria traz mudanças drásticas no cotidiano familiar, não houve nenhuma manifestação de aproximação e de união entre os membros, o que não foi observado em relato de familiar que vivenciou o mesmo evento citado anteriormente, mostrando assim que mesmo vivenciando os mesmos eventos, as famílias os enfrentam de forma distintas, e isto acontece porque elas são diferentes, vivem em contextos diferentes, tem suas próprias necessidades e os profissionais precisam levar isto em consideração: “*Relacionamento superficial, os filhos são casados, só vem visitar. Só um filho sente a falta do pai. Os outros nem ligam*” (Morte do pai - 1). **Considerações finais:** Percebemos que adaptar-se ou não ao evento, não está somente relacionado ao tipo de evento, mas muito mais ao momento em que ele acontece, a estrutura familiar, as condições financeiras, entre outros fatores. Ou seja, é necessário que o profissional de saúde, ao cuidar do indivíduo que vivencia um evento transicional se atente não somente ao evento em si, mas em todos os aspectos biopsisocioculturais que envolve o indivíduo e

a família. Frente aos diversos momentos de crise em que a família possa vir passar, no decorrer do ciclo de vida, desde o nascimento até a morte, percebemos a necessidade do enfermeiro identificar novas estratégias de enfrentamento de determinadas situações vividas por estas famílias de acordo com a realidade de cada contexto, de forma que todos se envolvam, para não sobrecarregar apenas um dos membros da família, no intuito de diminuir o impacto destes eventos inevitáveis. Observamos que cada família consegue lidar com determinados eventos de forma diferente, mesmo que estes eventos sejam os mesmos. Sendo assim, ao trabalharmos com famílias precisamos conhecer as formas que elas encontram para superar as situações ocorridas no cotidiano por elas vivenciadas, para que juntos possamos dar subsídios para amenizar ou até eliminar o sofrimento, antes, durante e depois do evento instalado no contexto familiar.

Palavras-chave: Famílias, Relações Familiares, Comunicação.

Referências

1. Wright L, Leahey M. Enfermeiras e famílias: um guia para avaliação e intervenção na família. 3 ed. São Paulo: Roca, 2002.
2. Osorio LC. Família hoje. Porto Alegre: Artmed, 1996.
3. Waidman MAP, Stefanelli MC. Comunicação e estratégias de intervenção familiar. In: Stefanelli MC, Carvalho EC (org.). A comunicação nos diferentes contextos da enfermagem. Barueri, SP: Manole, 2005.
4. Travelbee J. Intervencion em enfermeria psiquiátrica. Cali: Carvejal, 1979.
5. Waidman MAP. Enfermeira e família

compartilhando o processo de reinserção social do doente mental. 1998. 114 f. [Dissertação].